



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6259 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 18 - Gênero, Sexualidade e Educação

Meu filho me tornou uma pessoa melhor

Dolnéia Aparecida dos Santos - ULBRA - Universidade Luterana do Brasil

Juliana Ribeiro de Vargas - ULBRA - Universidade Luterana do Brasil

Agência e/ou Instituição Financiadora: Financiamento próprio

### ***MEU FILHO ME TORNOU UMA PESSOA MELHOR!***

#### **O QUE DIZEM JOVENS MÃES DE PERIFERIA**

A partir dos aportes teóricos dos Estudos Culturais em Educação, dos Estudos de Gênero e dos Estudos sobre Juventude, constituímos o presente trabalho, recorte de uma investigação maior. Nosso objetivo foca-se em analisar e problematizar representações de maternidade a partir das narrativas de jovens mães, na faixa etária entre 17 e 23 anos de idade, estudantes do Ensino Médio de uma escola pública da periferia de Canoas (RS).

Vale destacar que tais narrativas foram constituídas sob a metodologia do grupo focal, em encontros realizados na escola em que as jovens estudavam, respeitando critérios éticos de pesquisa.

Vale referir que os Estudos Culturais, desde seu princípio, configuram-se como espaço para a problematização de relações dicotômicas, fundamentadas pelas tradições elitistas, tais como alta cultura x cultura de massa; cultura burguesa x cultura operária e entre cultura erudita x cultura popular. (COSTA, SILVEIRA, SOMMER, 2003). Já os Estudos de Gênero permitem-nos compreender o conceito de gênero como: “[...] uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como ‘sexo’ ou ‘diferença sexual’” (SCOTT, 1995, p.72). Logo, a partir dessa premissa podemos afirmar que gênero não se limita à diferença sexual entre homens e mulheres, mas sim a como o indivíduo é representado culturalmente em razão dessa (LOURO, 2010).

No entanto, Meyer (2003) destaca que o processo da gravidez está estreitamente relacionado com o de construção de gênero: educar mulheres para tornarem-se mães de acordo com determinados princípios está dentro de processos que nos educam como sujeitos de gênero. A nomeação “é uma gestante” é, ao mesmo tempo, o estabelecimento de uma fronteira e também a inculcação repetida de normas de como deve se comportar, cuidar. Contudo, a partir dos campos teóricos citados, buscamos problematizar as posições

naturalizadas de mulher/mãe instituídas por discursos ao longo dos tempos, nas diversas sociedades.

A partir da perspectiva teórica dos Estudos Culturais, compreende-se a juventude em sua diversidade, tanto que a denominação deixa de ser usada no singular e passou a ser adotada no plural (juventudes). A juventude pensada em sua diversidade e em suas peculiaridades, é detalhadamente explorada por autores como Dayrell (2007), Carrano (2015). Logo, compreendemos a juventude como uma categoria plural constituída discursivamente, em consonância com determinadas condições históricas e sociais e não apenas descrita por características físicas e/ou psicológicas (VARGAS, 2015).

Cabe destacar que a gravidez na juventude era algo recorrente na escola em questão no período em que ocorreu a pesquisa, principalmente entre as jovens que estavam ingressando no Ensino Médio. Indiferente de ser ou não desejada, a gravidez nesse período da vida implica em uma série de mudanças e desafios, principalmente no que se refere a conciliar a maternidade à continuidade dos estudos, ao trabalho e às práticas de diversão e entretenimento.

Dentre representações sobre a maternidade (re)constituídas pelas jovens mães ao longo da pesquisa elencamos, para este trabalho, narrativas que marcam a descoberta da gravidez e/ou o nascimento do(a) filho(a) como disparador para mudanças nas ações e comportamentos das jovens e ainda, como condutor para constituição de projetos de vida. Em suas declarações fica evidente o quanto elas modificam, transformam seu modo de ser e de viver em razão da maternidade. Através de suas narrativas, observamos o quanto queriam ser pessoas melhores a fim de proporcionar aos seus filhos tudo o que não receberam de seus pais. É notório, a partir de suas narrativas, o quanto assimilam os modos de ser mãe propagados ao longo da história da sociedade.

É importante destacar que nenhuma das jovens, na época de sua gravidez, possuía plano de saúde privado. Seus pré-natais foram realizados em uma das unidades de saúde que ficam localizados no bairro em que residem (periferia do município de Canoas) e seus partos foram realizados em hospitais públicos da própria cidade. Em alguma medida, podemos pensar que práticas promovidas pelo acompanhamento de suas gestações, bem como, discursos circulantes sobre gravidez em diversas dimensões, a exemplo da escolar e da midiática, colaboraram para a constituição de representações acerca da maternidade narradas pelas jovens. Sobre representação destaca Hall (2002, p.31): “[...] é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam os sujeitos”.

Sobre a discussão que trazemos para o presente trabalho, é importante destacar entre os séculos XVII e XIX, o desenvolvimento do capitalismo, a ascendência da burguesia e, por conseguinte, a divisão entre esferas públicas e privadas. Assim, a criança, até então criada em comunidade, passa a ser responsabilidade dos pais. Ao mesmo tempo, a diferenciação entre homens e mulheres começa a solidificar-se: para ela, os cuidados da família e para aqueles, o sustento da casa (SCAVONE, 2001). Nesse período, a imagem da mulher começa a ser associada unicamente à ideia de mãe e os cuidados das crianças passam a ser exclusivos das mulheres. Ao mesmo tempo iniciam-se, por volta de 1760, publicações médicas definindo como deveria ser esse cuidado e estabelecendo a amamentação como um dever das mães. Constituíram-se, nesse contexto discursivo, os principais elementos que possibilitaram a emergência e a consolidação de representações de maternidade, inicialmente ligadas aos interesses políticos, econômicos, culturais e científicos específicos que as produziram.

Sendo assim, boas mães seriam aquelas que nutrissem um amor incondicional pelos

filhos. Sobre a mãe ideal, Dagmar Meyer (2000, p. 124), colabora: “Tais discursos passaram a posicionar a mulher (categoria então essencializada e universalizada) como sendo, por natureza, uma criatura generosa, abnegada e instintivamente mãe, disposta a qualquer sacrifício por sua cria”.

Como referido anteriormente, entre os séculos XVII e XIX é que surge o mito do instinto materno, segundo o qual a maternidade era uma tendência, um destino feminino inato. De modo semelhante, conceito de maternagem se consolida, pois, se somente as mulheres poderiam gestar, eram elas as pessoas mais apropriadas para criar os bebês (BADINTER, 1985). Schwengber e Meyer (2007), definem maternagem como sendo os cuidados que se tem com uma criança para além dos básicos, mas também os cuidados posteriores que os (as) filhos (as) requerem, por um período mais ou menos longo da sua existência.

Em especial, ao final do século XIX, pautadas pelo ideário positivista, as mulheres e seus corpos, são revestidas de um novo simbolismo político; seus corpos não estão mais à disposição de interesses apenas particulares, como transmissão do sangue e do nome da família, mas também de valores coletivos mais complexos, como o vigor de um povo e a organização da sociedade. Embora destacasse a submissão como característica natural feminina, a doutrina positivista não afirmava a inferioridade intelectual das mulheres frente aos homens, uma vez que sob tal perspectiva, eram vistas como complementares (VARGAS, 2008). De acordo com os propósitos positivistas, a mulher ideal deveria ser uma filha obediente, uma esposa dedicada, uma mãe exemplar e, quando pobre, trabalhadora virtuosa (PEDRO, 1997).

Ao relacionar a maternidade com a juventude, é importante ressaltar que o termo “maternidade juvenil” nasce com construção social de juventude, visto que jovem grávida não se diferenciava de mulher grávida, uma vez que as jovens não eram pronunciadas no surgimento da juventude, juventude era algo ligado ao masculino, logo, maternidade juvenil, surge posteriormente. É a partir dos anos 1980 que se começa a questionar o olhar dado às mulheres nos estudos sobre juventude e se começa a incluir as meninas de forma um pouco mais positiva nos trabalhos. Os primeiros trabalhos sobre juventude que têm uma perspectiva de gênero têm como objetivo dar visibilidade às meninas, visto que a noção de juventude estava sempre ligada ao masculino, ao que Weller (2005) aborda ao falar da invisibilidade das culturas juvenis nos estudos feministas, o que acaba por propagar papéis tradicionais atribuídos aos sexos masculino e feminino em nossas sociedades.

Compreendemos que as formas como as jovens exercem a maternidade estejam também ligadas aos modos de viver a juventude na atualidade. São jovens mães dinâmicas, que não deixam de estudar, trabalhar ou divertir-se ao tornarem-se mães. As alunas pesquisadas evidenciaram que não conseguem integrar em uma identidade única os papéis de mãe e estudante, que suas identidades que se deslocam. No entanto, percebe-se em suas narrativas, representações de maternidade ligadas a necessária constância de cuidados de si, de seus corpos e de suas ações, para melhor cuidado de sua prole. Conforme pontuamos anteriormente, construções discursivas sobre a maternidade, formatadas ao longo dos tempos, corroboram para a organização de tais representações.

Logo, as jovens apresentadas evidenciam das mudanças em seus modos de ser e de viver promovidas, conforme suas afirmações, pela gestação e/ou nascimento de seus filhos.

**Jovem A:** “[...]tive que ter mais responsabilidade para cuidar dele. (17 anos; filho 1 ano e 7 meses)

**Jovem L:** “[...]mudei meu comportamento, passei a ser mais calma e menos louca (22 anos; filho-4 anos)

**Jovem K:** “[...]me ensinou a ter respeito e educação com as pessoas. (19 anos, idade do filho: 2 anos)

A maioria das jovens afirmou não desejar que seus filhos repetissem seus comportamentos entendidos como inadequados. Gostariam que seus filhos fossem estudiosos, obedientes e bons alunos. As histórias de vida das participantes “A”, “L” e “K” são exemplos de nossa afirmação, uma vez que eram descomprometidas com estudos, entrega de atividades e frequência escolar e ainda, protagonizavam cenas de enfrentamento – tanto no espaço familiar, como no escolar. No entanto, em suas respostas, fica evidente a preocupação das mesmas com a maneira de se portar, tratar as pessoas.

Vale também destacar que as alunas pesquisadas apresentaram uma preocupação maior com relação a sua saúde por receio de acontecer algo com elas e não terem alguém, em suas famílias com disponibilidade para cuidar de seus filhos, como pode-se verificar nas narrativas abaixo:

**Jovem I:** “[...]amadureci muito. Eu nunca mais dormi uma noite inteira, sempre acordo para olhar ele, dar mama ou trocar fralda e nunca mais bebi até me acabar. (Idade: 17 anos; idade do filho: 2 anos)

**Jovem C:** “[...]eu nunca mais fui à festa regada à sexo e drogas eu era muito louca, agora tenho minha filha né? Não posso fazer essas coisas”. (Idade: 18 anos, idade do filho: 2 anos e 1 mês).

Nas falas das jovens é possível perceber o quanto as mesmas não assumiam maiores cuidados com seus corpos e com sua saúde antes da gravidez, expondo aos riscos da embriaguez e do sexo sem proteção. Em especial sobre tais dimensões, as mulheres sofrem um bombardeio de informações sobre os cuidados com seus corpos, uma vez que as mesmas são responsabilizadas pela “herança” repassar às vidas que carregam em seus úteros.

Além dos cuidados de si, as jovens também visibilizam em suas narrativas, a necessidade pela organização dos ambientes em que vivem e do cuidado com os companheiros. Na resposta da jovem M é possível perceber o quanto as responsabilidades ao ter um filho ficam a cargo exclusiva da mulher, uma vez que expressa a responsabilidade de cuidar da casa e dar atenção ao então marido. Fica explícito em sua resposta que a maternidade não é um “mar de rosas” como a mídia prega, uma vez que a jovem relata que trouxe tristeza também pois, teve que abrir mão de muita coisa por causa da maternidade.

**Jovem M:** “[...]nunca mais fiz as coisas que eu fazia antes, sair com minhas amigas, dormir na casa delas e ficar conversando até tarde. Agora tenho um filho “pra” cuidar e tenho que cuidar do meu namorado também. Tenho que fazer o serviço da casa. Não tenho tempo para fazer as coisas que as meninas da minha idade fazem, mas fazer o que se eu engraidei, agora tenho que cuidar dele né? (17 anos, idade do filho: 1 ano e 5 meses)

Vale destacar que as jovens mães apresentam melhoras significativas no desempenho escolar, pois pretendem conseguir um emprego para não dependerem dos seus pais no sustento dos filhos. A maioria delas ainda reside com os mesmos e buscam, com uma maior dedicação aos estudos, constituírem-se como um exemplo para os filhos, proporcionando um futuro diferente do seu para sua prole. Tais assertivas ficam evidentes nas respostas dadas pelas jovens S e T., ao relatarem as consequências da maternidade em suas vidas:

**Jovem S:** “[...] me tornou uma pessoa mais responsável e preocupada com o futuro. Eu nunca mais fiquei sozinha, pensei em morrer nem me cortei mais por causa de minha filha, ela precisa de mim, vou dar o meu melhor “pra” ver ela bem. (Idade: 17 anos, idade do filho: 2 meses)

**Jovem T:** “[...]maturidade, paciência, responsabilidade e respeito com as outras pessoas. Principalmente na escola, eu mudei muito. Eu nunca mais fiz as coisas que eu fazia quando não tinha ela tipo sair sem ter hora “pra” voltar, ir em festa todo final de semana, beber. A gente nunca mais saiu desde que ela nasceu, a gente só vai nessas festas de família mesmo, de dia e de noite a gente prefere ficar em casa com ela porque ela gosta de estar na casa dela, com as coisas dela, ela chorava muito quando a gente saía de casa. (Idade: 17 anos, idade do filho: 5 meses).

É possível entender que essas mudanças se devam, em alguma medida, pela potência dos discursos circulantes em espaços como a mídia, a saúde e a escola. Pode-se depreender que tais instâncias movimentem, fortaleçam determinados modos, certas posturas que uma “mãe” deva assumir. As jovens acreditavam que as atitudes que tinham antes, a maneira “louca” de levar a vida, a falta de comprometimento com os estudos, o desrespeito com outras pessoas, não era condizente com seu novo papel diante da sociedade, ou seja, com *o modelo ideal* de “ser mãe”.

Ressaltamos que tais posturas, organizadas por um determinado ideário de maternidade, são pautadas, de acordo com as narrativas das jovens, pela busca de melhoria individual, uma vez que essas jovens buscam ser “exemplo” para seus filhos. No caso das jovens mães, as construções culturais acerca da maternidade e da juventude promovem, como relatam as jovens da pesquisa, um misto de sentimentos pois, além de terem que cuidar de uma criança, querem viver sua feminilidade e sua juventude na plenitude, o que acaba por evidenciar novas formas de ser mãe. Apesar de vivenciarem influências dos valores sociais outrora propagados, a exemplo dos cuidados com a saúde nos primeiros meses de vida do bebê, penso que tais mães organizam formas diferenciadas de seu viver.

É preciso destacar que a gravidez na juventude não é algo novo... tal fenômeno sempre ocorreu! Ao longo dos anos, de acordo com cada época e cada sociedade, a maternidade na juventude acaba por ser constituída de diferentes representações de jovem, de mulher, de mãe. Logo, se até a metade do século XX, nos países ocidentais, as jovens consideradas “velhas” se passassem dos vinte anos sem ter se casado ou ter filhos, na atualidade, compreende-se que neste momento etário, as jovens estariam “na flor da idade”, no momento absoluto para o crescimento/fortalecimento pessoal e profissional.

Na atualidade, a maternidade juvenil passa a ser considerada, principalmente para as classes sociais mais abastadas, “um problema” uma vez que, causa um grande impacto na vida familiar e leva a jovem mãe a abrir mão de muitas atividades para cuidar do filho. Contudo, conforme buscamos evidenciar nesse trabalho, maternidade juvenil na contemporaneidade é dualidade, as jovens mães da atualidade deixam claro que, se por um lado a gravidez na juventude “atrapalha” ou “adia” planos, por outro leva jovens que apresentavam algum problema escolar, pessoal ou comportamental a repensarem sobre suas vidas e seus modos de ser.

A partir das narrativas das alunas podemos depreender que suas representações acerca da maternidade são associadas às práticas de cuidado de si, do seu corpo e de sua mente. E ainda mais: à necessária organização de um projeto de vida que visa a melhoria da situação atual na qual vivem. As mesmas jovens que buscam “aproveitar a vida ao máximo”, como as participantes destacam em outros momentos da pesquisa, também se distanciam de situações de risco e de comprometimento de seu futuro. Ou seja, ser mãe para essas jovens, é tornar-se uma “pessoa melhor”.

Encerramos esse trabalho compreendendo que visibilizar e problematizar os modos de ser e de viver das alunas jovens, nos tempos atuais, é possibilitar uma melhor compreensão das condições de (im)possibilidades que organizam a constituição das culturas juvenis femininas.

## Referências

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues; MARINHO, Andrea; OLIVEIRA, Viviane. Trajetórias truncadas, trabalho e futuro: jovens fora de série na escola pública de ensino médio. Educação e Pesquisa – **Revista da Faculdade de Educação da USP**, v. 41, p. 1439-1454, 2015.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**. Campinas, n.23, p. 36-61, maio./ago. 2003.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. 3 ed. In: LOURO, Guacira Lopes (org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. P. 07-34.

MEYER, Dagmar E Estermann. Educação, saúde e modos de inscrever uma forma de maternidade nos corpos femininos. **Movimento**, vol. 9, núm. 3, setembro-dezembro, 2003, p. 33-58.

.\_\_\_\_\_. **Identidades traduzidas: cultura e docência teuto- brasileiro- evangélica no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre RS: Edunisc & Sinodal, 2000.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.p. 278-321.

SCAVONE, Lucila. Maternidade: Transformações na família e nas relações de gênero. **Interface: Comunicação, Saúde e Educação**, 5(8), 47-60, 2001.

SCHWENGBER, Maria Simone; MEYER, Dagmar E. Educar corpos femininos como corpos grávidos um olhar de gênero sobre a Pais & Filhos. **Gênero**, 7, 65-77, 2007.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n. 2, jul./dez, p. 71-99. 1995.

WELLER, Wivian. A presença feminina nas (sub) culturas juvenis: a arte de se tornar visível. **Rev. Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, 2005.

VARGAS, Juliana Ribeiro. **O que ouço me produz e me conduz?** A constituição de feminilidades contemporâneas de jovens contemporâneas no espaço escolar da periferia. 2015. 182 f. Tese (Doutorado em Educação) –Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

.\_\_\_\_\_. **Meninas (mal) comportadas: Posturas e estranhamentos em uma escola pública de periferia**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

